

Jornal Paralímpico



COMEÇA A CORRIDA RUMO AO OURO
Alan Fonteles é um dos destaques do Time Brasil

UM GUIA PARA TORCER NOS JOGOS PARALÍMPICOS
Modalidades, atletas e curiosidades da Rio-2016

EM COOPERAÇÃO COM



ÍNDICE

3 | Editorial

Márvio dos Anjos, editor de Esportes do GLOBO, Lorenz Maroldt, editor-chefe do jornal alemão "Tagesspiegel", e Mariana Vieira de Mello, gerente-geral de Integração Paralímpica do Comitê Rio-2016, celebram o espírito dos Jogos

DIVULGAÇÃO/CPB



4 e 5 | Guia de modalidades

Um resumo de todos os esportes paralímpicos e os principais destaques da equipe brasileira

6 | História e metas do Time Brasil

Balanco da participação do país em Paralimpíadas e os objetivos para a Rio-2016

6 | Campeão e atleta-guia

Medalhista sul-americano, Adauto Galdino fala sobre o desafio de conduzir Lucas Prado

6 | 'Paratodos'

Documentário mostra rotina de atletas paralímpicos

7 | O pesadelo de Oscar Pistorius

Um perfil do velocista Alan Fonteles, fã de Senna e Bolt

7 | 'Tubarão' nas piscinas do Rio

Clodoaldo Silva quer despedida em casa em grande estilo

7 | Silêncio, por favor

Em dois esportes, a torcida não pode fazer barulho

7 | Em constante mudança

Avaliação contínua determina classe de cada atleta

8 | Novas modalidades

Canoagem e triatlo estreiam nos Jogos Rio-2016

8 | Estrelas internacionais

Quatro atletas para ficar de olho durante a competição

8 | Veteranos em plena forma

Competidores com idade avançada têm alto rendimento

8 | Brasil e Alemanha

Parceria entre os dois países cria projeto social de inclusão

O PROJETO

THILO RUECKEIS/TAGESSPIEGEL



Conexão Brasil-Alemanha na Rio-2016

As reportagens do Jornal Paralímpico que você lê nesta edição especial foram escritas por dez jovens talentos brasileiros. Eles participaram de um concurso de redação promovido pelo jornal alemão "Der Tagesspiegel" e foram selecionados por uma banca formada por jornalistas do GLOBO e professores da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). De vários estados do Brasil, os estudantes Fernanda Lagoeiro (de 22 anos), Guilherme Longo (23), Gustavo Altman (18), Hugo L'Abbate (22), João Pedro Soares (22), Jorge Salhani (22), Leonardo Levatti (22), Letícia Paiva (20), Natália Belizario (20) e Thaís Contarin (22) demonstraram garra e dedicação. Apuraram belas histórias sobre a Paralimpíada, que renderam este suplemento especial. A partir de hoje, ao lado de 12 colegas da Alemanha e Grã-Bretanha, também escolhidos por concurso em seus países de origem, eles vão fazer a cobertura da Rio-2016. Esse trabalho de reportagem vai render uma segunda edição do Jornal Paralímpico, que circulará encartada no GLOBO dia 21 deste mês, trazendo um balanço da Paralimpíada. Criado pelo "Tagesspiegel" com o nome de "Paralympics Zeitung" para Atenas-2004, o projeto prevê uma parceria com um jornal da cidade-sede onde se realizam os Jogos. O GLOBO foi escolhido pelo diário berlinense para a iniciativa, que tem patrocínio da empresa de seguros Deutsche Gesetzliche Unfallversicherung (DGUV). A dobradinha teve início em maio deste ano, quando os estudantes dos dois lados do Atlântico se reuniram no Rio de Janeiro (foto) para participar de workshops, conhecer as instalações paralímpicas e cobrir eventos-teste de atletismo.

AGENDA: PROVAS EM DESTAQUE

ATLETISMO

ESTÁDIO OLÍMPICO – ENGENHÃO
Dia 8 (amanhã). Das 10h às 13h. O destaque desta sessão é o americano campeão mundial de salto em distância Lex Gillette. Estrela na classe T11, o atleta pode quebrar o recorde olímpico ou mundial.

Dia 9 (sexta-feira). Das 17h30m às 20h45m. Compete neste dia o britânico Johnnie Peacock, consagrado em Londres-2012. Agora, ele defende o título da classe T44 nos 100m. Outro para ficar de olho é o americano Jarryd Wallace.

Dia 13 (terça-feira). Das 17h30m às 20h40m. A brasileira Terezinha Guilhaermina, guiada por Usain Bolt numa prova, é chance de medalha, mas terá a potência chinesa Cuiqing Lu entre suas principais adversárias.

Dia 14 (quarta-feira). Das 10h às 13h10m. Aos 19 anos, a velocista brasileira Verônica Hipólito promete ser um dos rostos dos Jogos. A expectativa é de vibração no estádio se ela for medalhista na categoria T38.

Dia 15 (quinta-feira). Das 17h30m às 20h40m. Os principais nomes da modalidade estarão reunidos. Alan Fonteles vai defender o título dos 100m na classe T43. Outra estrela é o carioca Felipe Gomes, velocista cego e campeão paralímpico dos 200m na classe T11. Mas os brasileiros não são as únicas atrações no atletismo. O americano David Brown tem batido novos recordes mundiais nos 100m e 200m da classe T11. Entre as mulheres, Tatyana McFadden lidera o time americano. Dona de 11 medalhas, ela tenta se tornar, na Rio-2016, a primeira atleta a completar cinco provas de atletismo que vão dos 100m à maratona.

Dia 17 (sábado). Das 10h às 13h15m. Chamado de "blade jumper" alemão, o campeão mundial Markus Rehm, pode pular mais, no salto em distância, do que o vencedor olímpico deste ano, Jeff Henderson, com 8,38m. Rehm é recordista da categoria T44, com 8,40m. Das 17h30m às 20h30m. Com 14,61 segundos, Martina Caironi é dona do recorde mundial nos 100m classe T42. A atleta vai conduzir a bandeira italiana na abertura.

BASQUETE

ARENA OLÍMPICA DO RIO
Dia 17 (sábado). Das 15h15m às 19h45m. A final masculina acontece nesta data, logo após a disputa pelo 5º lugar. Austrália e Canadá estão entre os favoritos nos Jogos.

BOCHA

ARENA CARIOCA 2
Dia 16 (sexta-feira). Das 10h às 14h10m. O evento reúne cinco disputas de medalhas: os bronzes individuais nas categorias BC1, BC2, BC3 e BC4 e o ouro na BC1. O holandês Daniel Perez e o britânico David Smith são destaques na BC1.

CANOAGEM DE VELOCIDADE

LAGOA
Dia 15 (quinta-feira). Das 9h às 11h50m. Um dos principais cartões-postais do Rio é palco das semifinais e finais masculina e feminina, todas num só dia. Campeão mundial, o australiano Curtis McGrath está entre os favoritos na Rio-2016, quando a classe VL2 fará sua estreia nos Jogos Paralímpicos.

CICLISMO DE PISTA

VELÓDROMO OLÍMPICO DO RIO
Dia 8 (quinta-feira). Das 16h30m às 18h15m. A data reúne as diferentes finais masculinas e femininas. Participando pela sétima vez de uma Paralimpíada, a britânica Sarah Storey foi destaque em Londres-2012 e é uma das estrelas desta sessão, onde compete na classe C5. Como nadadora, Sarah ganhou cinco ouros, oito pratas e três bronzes entre 1992 e 2004. Após a mudança para o ciclismo, garantiu seis novos ouros.

ESGRIMA DE CADEIRA DE RODAS

Arena Carioca 3
Dia 13 (terça-feira). Das 14h às 18h. A sessão reúne a semifinal e as disputas de bronze e ouro. O brasileiro Jovane Silva Guissone, medalha de ouro em Londres-2012, é tido como uma das principais apostas do país na competição.

FUTEBOL DE 7

ESTÁDIO DE DEODORO
Dia 16 (sexta-feira). Das 17h às 18h15m. Será a final masculina do esporte, que faz sua despedida dos Jogos Paralímpicos. Um dos pontos

altos do torneio será a disputa, na primeira fase, entre Brasil e Ucrânia, atual campeã do mundo e medalha de prata em Londres-2012.

GOALBALL

ARENA DO FUTURO
Dia 16 (sexta-feira). Das 18h30m às 21h55m. O público poderá conferir as disputas de ouro masculina e feminina de um dos mais fascinantes esportes Paralímpicos. O Brasil é favorito e pode aproveitar a Rio-2016 para ter a revanche contra a Finlândia, de quem perdeu o ouro por 8 a 1 em Londres-2012. Os dois países voltaram a se enfrentar em 2014, com vitória brasileira por 9 a 1.

HALTEROFILISMO

RIOCENTRO - PAVILHÃO 2
Dia 14 (quarta-feira). Das 16h às 17h30m. A disputa do ouro masculino, na categoria acima de 107kg, pode se transformar num momento histórico: o iraniano Siamand Rahmani, considerado o atleta paralímpico mais forte do mundo, espera alcançar a marca dos 300kg e estar no alto do pódio na categoria. O levantador de pesos quebrou o próprio recorde de este ano, na Copa do Mundo de Dubai, com 296kg – e espera manter o título de campeão conquistado na última edição dos Jogos.

HIPISMO

CENTRO OLÍMPICO DE HIPISMO
Dia 14 (quarta-feira). Das 10h às 17h20m. O campeonato individual misto terá a presença do austríaco Pepo Puch. O cavaleiro enfrenta o lendário britânico Lee Pearson, que compete pela quinta vez nos Jogos Paralímpicos. Já Puch foi ouro em Londres-2012 na classe 1b, quatro anos depois de um acidente que o deixou paraplégico e apenas alguns dias após a morte da mãe.

JUDÔ

Arena Carioca 3
Dia 9 (sexta-feira). Das 15h30m às 17h55m. O judô é um dos esportes mais promissores para os brasileiros, tanto na Olimpíada quanto na Paralimpíada. Disputas por ouro e bronze são o destaque do evento, que reúne o masculino até 73kg/81kg e o feminino até 57kg/63kg. Lucia Araújo, que garantiu a prata na última edição dos Jogos, é uma das maiores esperanças brasilei-

ras até 57kg. Ela também foi ouro no Parapan de Toronto no ano passado.

Dia 10 (sábado). Das 15h30m às 18h35m. A sessão reúne disputas de bronze e ouro, sendo as masculinas nas categorias 90/100kg/+100kg e femininas de até 70/78kg. Antonio Tenorio, o primeiro judoca a ganhar quatro ouros paralímpicos consecutivos, espera conquistar uma nova medalha.

NATAÇÃO

ESTÁDIO AQUÁTICO OLÍMPICO
Dia 11 (domingo). Das 17h30m às 21h30m. As finais masculina e feminina terão entre os destaques o canadense Benoit Huot, vencedor de 19 medalhas paralímpicas na classe S10. É sua quinta participação nos Jogos.

Dia 12 (segunda-feira). Das 17h30m às 21h45m. Entre os momentos mais emocionantes dos Jogos estarão certamente as finais masculina e feminina da natação. Daniel Dias, a maior estrela paralímpica brasileira, compete numa série de eventos na classe S5, incluindo os 100m peito, 50m borboleta e 50m livre. Na mesma data, o público também vai acompanhar André Brasil, da classe S10. Foram três ouros e duas pratas somados em Pequim-2008 e Londres-2012. Outro destaque é a espanhola Maria Teresa Perales, que deseja garantir a medalha nos 100m livres pela quarta vez seguida antes da aposentadoria.

Dia 14 (quarta-feira). Das 17h30m às 21h35m. Um dos destaques da sessão, que terá finais masculinas e femininas, é a brasileira Verônica Almeida. Dona do bronze em Pequim-2008 e em Londres-2012 e recordista mundial na natação em alto mar, ela vai em busca de seu ouro paralímpico.

REMO

LAGOA
Dia 11 (domingo). Das 8h30m às 11h30m. Serão oito corridas, com provas masculinas, femininas e mistas. Prata em Londres-2012 e sem perder nenhuma disputa desde então, o australiano Erik Horrie é o favorito na classe AS masculina. Nos campeonatos de 2015, ele garantiu seu terceiro título mundial.

RÚGBI EM CADEIRA DE RODAS

ARENA CARIOCA 1 - BARRA
Dia 18 (domingo). Das 12h30m às 14h30m. A disputa pelo ouro vai movimentar o Parque Olímpico neste dia. Os quatro maiores times do esporte são os Estados Unidos, número 1 do ranking, a Austrália, campeã em Londres-2012, a Nova Zelândia, ouro em Atenas-2004, e o Canadá, três vezes segundo colocado. Todos presentes na Rio-2016.

TÊNIS DE MESA

RIOCENTRO - PAVILHÃO 3
Dia 13 (terça-feira). Das 16h às 20h. É nesta data que acontece a disputa do ouro da classe 10, da favorita Natalia Partyka. A estrela polonesa é uma das raras atletas que competem tanto nos Jogos Olímpicos quanto nos Paralímpicos. Nascida sem a mão e o antebraço direitos, ela apoia a bolinha no braço e usa a raquete com a mão esquerda para sacar. É três vezes campeã paralímpica nas individuais femininas em sua classe e não perde uma partida desde 2008.

TÊNIS EM CADEIRA DE RODAS

CENTRO OLÍMPICO DE TÊNIS
Dia 15 (quinta-feira). Das 12h às 22h30m. A briga feminina individual pelo ouro vai dividir as atenções com as disputas de ouro e bronze de duplas masculinas. Dona de dois ouros no Parapan do ano passado, a brasileira Natalia Mayara espera repetir o pódio. Mas as holandesas são as favoritas e chegam ao Rio com a fama de imbatíveis. Em Wimbledon, Jiske Griffioen ganhou seu quarto título do Grand Slam, batendo a compatriota Aniek van Koot. Ambas competem nas duplas na Rio-2016

Dia 16 (sexta-feira). Das 12h às 22h30m. O público poderá conferir as disputas de bronze e ouro masculinas individuais e de ouro para as duplas femininas. No masculino, estão garantidas as presenças de algumas das maiores estrelas do esporte em sua melhor forma. O britânico Gordon Reid, por exemplo, ganhou a competição inaugural individual em Wimbledon depois de vencer o Australian Open, em junho. Competirá ainda em dupla com Alfie Hewett. Outros candidatos ao ouro são o argentino Gustavo Fernandez, o francês Stéphane Houdet, dono da prata

em Londres-2012, e o japonês Shingo Kunieda.

TIRO COM ARCO

SAMBÓDROMO
Dia 16 (sexta-feira). Das 15h às 19h30m. As oitavas, quartas, semifinais e finais masculinas de arco recurvo terão como destaque Matt Stutzman, o "arqueiro sem braços" americano. É dele o recorde mundial para a maior distância já atingida por uma flecha.

Dia 17 (sábado). Das 9h às 13h30m. Será possível conferir as oitavas, quartas, semifinais e finais femininas de arco recurvo, com a participação de Zahra Nemati, primeira mulher iraniana a ganhar uma medalha de ouro nos Jogos Olímpicos e Paralímpicos. Será uma das poucas esportistas a competir tanto na Olimpíada quando na Paralimpíada nesta edição do evento.

TRIATLO

FORTE DE COPACABANA
Dia 11 (domingo). Das 10h às 13h45m. É a final feminina da primeira competição paralímpica de triatlo. Serão 60 participantes, entre elas a americana Melissa Stockwell, primeira mulher a perder uma perna em combate. A atleta servia o exército no Iraque quando foi atingida pela explosão de uma bomba.

VELA

MARINA DA GLÓRIA
Dia 17 (sábado). Das 12h às 17h30m. O evento reúne as regatas masculina e feminina. Aos 50 anos, o alemão Heiko Kroeger tentará recuperar o título paralímpico que conquistou 16 anos atrás. Ele participou de todas as edições dos Jogos desde que a vela foi incluída no programa, em Sydney-2000.

VOLEIBOL SENTADO

RIOCENTRO - PAVILHÃO 6
Dia 18 (domingo). Das 9h30m às 15h. No último dia acontecem a disputa de bronze e a final masculina, em sessão única. Irã e Bósnia-Herzegovina, favoritos que se enfrentam nas finais Paralímpicas desde Sydney-2000, estão no grupo B da competição masculina. Mesmo assim, podem se enfrentar. O Brasil, no grupo A, levou os ouros nos dois últimos Parapan-Americanos.

Expediente

Coordenação de projeto: Clara Kaminsky, Karin Preugschat ("Der Tagesspiegel") e Luiz Henrique Romanholli (O GLOBO) | **Edição:** Ingrid Brack e Luciana Barros | **Consultoria editorial:** Fernando Ewerton (ECO/UFRJ) | **Diagramação:** Christina Lee

Reportagem: Fernanda Lagoeiro, Guilherme Longo, Gustavo Altman, Hugo L'Abbate, João Pedro Soares, Jorge Salhani, Leonardo Levatti, Letícia Paiva, Natália Belizario e Thaís Contarin.

Jornal Paralímpico é um projeto especial do GLOBO em parceria com o jornal alemão "Der Tagesspiegel", em associação com a Deutsche Gesetzliche Unfallversicherung (DGUV). As reportagens foram produzidas por estudantes brasileiros selecionados e supervisionados pelo GLOBO e pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ).

Capa: Alan Fonteles em Londres-2012, nas eliminatórias dos 100m T44 | **Foto:** Divulgação/Buda Mendes/CPB

EDITORIAL

O esporte paralímpico

é, sem dúvida, um irresistível convite à reflexão sobre como encaramos as competições e a vida. Num país apaixonado por futebol e acostumado a desdenhar das outras modalidades, um evento como esses é um duro golpe na lógica do vencer ou vencer: sobretudo, porque fundamentalmente somos convidados a admirar os atletas. Seus movimentos. Suas táticas. A agilidade e, por que não?, as virtudes que volta e meia nos escapam no dia a dia, como a paciência, a concentração e a perseverança. Na vitória ou na derrota. Em uma Paralimpíada, nossos conceitos de “superação”, “fracasso” e “limites” são postos em xeque, embaralhados e relativizados. É muito fácil e óbvio responder à pergunta “será que eu faria o que Michael Phelps e Usain Bolt conseguem fazer?”. Porém, quando transferida para qualquer uma das arenas paralímpicas, essa conversa fica muito mais interessante. Neste projeto executado por estudantes brasileiros e europeus, o que sobressai é o frescor do olhar, desprovido de preconceitos adquiridos em horas e horas de eventos esportivos acompanhados por obrigação — sim, eles se divertem. Tudo isso é ótimo porque, se apenas oferecesse espaço de reflexão, o esporte paralímpico seria... chato. Pelo olhar desses jovens talentosos, percebemos que há entretenimento, emoção e histórias envolventes, ou seja, o pacote completo para um megaevento inesquecível. Se haverá oportunidades para criar novos ídolos e modelos de comportamento, certamente seremos também apresentados a novos vilões, trapaceiros, dopados e maus perdedores, todos costurados em tragédias demasiadamente humanas — o que me leva a crer que, se existe um monte chamado *Paralimpo*, ele divide com o Olimpo a mesma cordilheira, e seu cume pode ser conquistado tanto por almas filosóficas quanto por espectadores apaixonados por ação. É hora de aceitar este convite e celebrar tanto a imperfeição humana quanto a beleza de lutar contra ela, em qualquer grau. Boa leitura e boa Paralimpíada.

MÁRVIO DOS ANJOS

Editor de Esportes do GLOBO



GUSTAVO STEPHAN

Um novo mundo, um slogan inspirador e um lema desafiador foram feitos no lançamento dos Jogos Rio-2016. Os Jogos Olímpicos terminaram e agora é a vez dos Jogos Paralímpicos, mostrando “novos heróis, fazendo novos amigos, criando novas famílias” —, como diz o manifesto da Rio-2016. Os XV Jogos Paralímpicos de Verão são uma oportunidade única para mostrar o que “quebrar barreiras” realmente quer dizer. Se você quiser testemunhar o que significa superar obstáculos e se inspirar no que os seres humanos são capazes de ser e fazer tem que ir aos Jogos Paralímpicos! Mais de quatro mil atletas de diversos países, que têm treinado duro para participar do terceiro maior evento esportivo do mundo, virão para o Rio contagiar a cidade. O Jornal Paralímpico — uma publicação com foco exclusivamente no esporte paralímpico no Brasil — é escrito por jovens estudantes e transmite o entusiasmo deles pelo espírito paralímpico. Estou orgulhoso de ser um co-editor do projeto “Paralympics Zeitung”, que foi fundado pelo jornal alemão “Der Tagesspiegel” e a seguradora alemã Deutsche Gesetzliche Unfallversicherung (DGUV) por ocasião do Jogos Paralímpicos de Atenas-2004. O nosso projeto, bem como os Jogos Paralímpicos, já percorreu um longo caminho desde então. O “Paralympics Zeitung” é um suplemento publicado nos principais jornais alemães e no país anfitrião dos Jogos. Estamos muito satisfeitos por ter ganho um parceiro de mídia como o jornal O GLOBO. Os artigos foram escritos por jovens talentos entre 18 e 23 anos de idade, selecionados através de concursos de texto. A equipe que traz as informações dos Jogos para você é composta por 22 estudantes do Brasil, Alemanha e Grã-Bretanha. Os europeus escreverão em alemão para o “Paralympics Zeitung” e uma versão em inglês do Jornal Paralímpico. Coube aos brasileiros a edição em português. Nosso time editorial, internacional e entusiasta, tomou para si o lema da Rio-2016: sempre à procura de histórias com novos olhos, adoção de novas atitudes e respeito um ao outro e ao que é diferente. Estamos todos ansiosos para os Jogos no Rio, e espero que sejam espetaculares.

LORENZ MAROLDT

Editor-chefe do “Tagesspiegel”



KAI-JUE HENRICH/TAGESSPIEGEL

A festa do esporte

continua. O Rio recuperou o fôlego para entregar Jogos Paralímpicos inesquecíveis. A população carioca dará boas-vindas a mais de quatro mil dos melhores atletas com deficiência do mundo. Feitos incríveis acontecerão aqui. Serão 23 modalidades, três mil oficiais de equipe, 1.400 árbitros. Mais de quatro mil profissionais de mídia gerarão imagens para mais de cem países e levarão feitos destes superatletas para o mundo. São dois milhões e meio de ingressos à venda para o terceiro maior evento esportivo do planeta. E se os números já mostram por si só a grandeza da competição, não é a matemática que faz imperdíveis os Jogos Paralímpicos. É o esporte. Como o saltador em distância alemão Markus Rehm. Amputado de uma das pernas, no último mundial de atletismo Paralímpico ele quebrou recorde saltando inacreditáveis 8,40m. Isso daria a ele o ouro nos Jogos Olímpicos Rio-2016, onde o vencedor saltou 8,38m. E os brasileiros têm muitos motivos para comparecer às arenas. Além de conhecer ou voltar aos palcos olímpicos, teremos a chance de ver incríveis brasileiros brigando por muitas medalhas. O Brasil está entre os melhores países do mundo no esporte paralímpico de alto rendimento, e a meta do Comitê Paralímpico Brasileiro é estar entre os cinco melhores na Rio-2016. A promessa é pódio todo dia! O esporte mostra a pessoa com deficiência de uma forma positiva. Após dez minutos numa arena, o espectador deixa de enxergar a deficiência e passa a se encantar com a eficiência destes atletas, que treinam horas por dia e se dedicam durante anos. Por último, os Jogos Paralímpicos do Rio já são inovadores. Temos a primeira marca multissensorial da história do evento, o maior número de emissoras de TV credenciadas e o maior número de atletas paralímpicas mulheres. Vamos lotar as arenas, criar uma experiência memorável. A última coisa da qual você vai se lembrar desses Jogos é a deficiência. Estes atletas são pura eficiência.

MARIANA VIEIRA DE MELLO

Gerente geral de Integração Paralímpica do Comitê Rio-2016



ARQUIVO PESSOAL

TV Rio-2016 | Todos os direitos reservados

PATROCINADOR OFICIAL



WWW.GANNI.BR/BRDESCO

Jogos Paralímpicos Rio 2016.

AINDA MAIS BRA

**BRA de Brasil.
BRA de Bradesco.**

banco.bradesco @Bradesco facebook.com/Bradesco
 Fone Fácil Bradesco: 4002 0022 / 0800 570 0022
 SAC – Alô Bradesco: 0800 704 8383
 SAC – Deficiência Auditiva ou de Fala: 0800 722 0099
 Ouvidoria: 0800 727 9933

Os esportes paralímpicos e os destaques do Brasil

Com **23 modalidades** (duas no ciclismo), Rio-2016 reunirá 4.350 atletas de 176 países, recorde na história dos Jogos. Serão 528 provas, 225 femininas, 265 masculinas e 38 mistas. Brasileiros estreiam no tiro com arco e rúgbi

Ciclismo

Com provas de estrada e pista, que acontecerem no Pontal e no Velódromo, respectivamente, o ciclismo integra os Jogos Paralímpicos desde Nova York-1984. As três primeiras edições tiveram apenas provas de estrada, com o ciclismo de pista incluído em Atlanta-1996. Rivaldo Martins foi o primeiro brasileiro a competir no esporte em Jogos Paralímpicos, em Barcelona-1992, mas o Brasil não tem medalhas na modalidade. Em Londres-2012, dois atletas ficaram perto do bronze. João Schwindt e Soelito Gohr chegaram em quarto e quinto lugares na prova de estrada C4-5. Soelito integra a equipe de cinco atletas no Rio, que terá também Lauro Chaman (foto), ouro na mesma prova e categoria no Parapan de Toronto-2015, onde também ganhou ouro no contra relógio C1-5 e bronze na perseguição individual C4-5 em pista.



Hipismo

O hipismo integra o programa dos Jogos Paralímpicos desde Atlanta-1996. O Brasil estreou em Atenas-2004, com Marcos Fernandes Alves, o Joca (foto), que quatro anos depois conquistou duas medalhas de bronze em Pequim: no estilo livre e na prática individual. Já em Londres-2012, o país não voltou ao pódio e terminou em 13º no geral, tendo o 7º lugar de Sérgio Oliva, montando Emily no Individual Estilo Livre 1a, como melhor resultado. Sérgio e Marcos voltam aos Jogos do Rio, juntamente com Vera Mazzilli e Rodolpho Riskalla. As provas são disputadas, em Deodoro, por homens e mulheres com diversos tipos de deficiência, sendo que os atletas do Grupo I (a e b) são cadeirantes com diferentes graus de comprometimento de movimentos de tronco e membros.



Tênis

O tênis em cadeira de rodas integra o programa dos Jogos Paralímpicos desde Barcelona-1992. É disputado por atletas com alguma limitação locomotora, que usam cadeiras adaptadas para a intensa movimentação em quadra – a única diferença para o tênis convencional é que a bola pode quicar duas vezes. O Brasil estreou em Atlanta-1996 e nunca foi ao pódio. Na Rio-2016, o país terá sua maior equipe, com oito atletas, três a mais do que em Londres-2012, quando terminou em 8º lugar. O destaque é Natália Mayara (foto), a primeira brasileira a competir nos Jogos, há quatro anos. Ela ganhou ouro no Parapan em Toronto-2015, quando Daniel Rodrigues foi bronze individual e prata nas duplas ao lado de Carlos Santos, que vai para sua quarta Paralimpíada. As partidas acontecem no Centro Olímpico de Tênis.



Esgrima

Presente desde a primeira edição dos Jogos Paralímpicos, em Roma-1960, a esgrima em cadeira de rodas é uma das modalidades mais tradicionais para atletas com deficiência motora. As cadeiras de roda são fixadas ao solo, permitindo ao esgrimista movimentar apenas o tronco e os membros superiores. Assim como nos Jogos Olímpicos, há disputas em florete, espada e sabre. Na Rio-2016, o Brasil terá cinco atletas – dentre eles Jovane Guissone (foto), que começou a treinar em 2008 e quatro anos depois foi ouro na espada em Londres, a

única medalha da esgrima brasileira em Jogos Paralímpicos e Olímpicos. A equipe tem ainda Fabio Damasceno, Monica Santos, Rodrigo Massarutt e Sandro Colaço de Lima na competição que ocorre na Arena da Juventude, em Deodoro.



Judô

O Judô é a única arte marcial nos Jogos Paralímpicos. A estreia aconteceu em Seul-1988, apenas para homens, com as mulheres passando a competir em Atenas-2004. A modalidade é praticada por atletas com deficiência visual, divididos em categorias de acordo com o peso e o nível de comprometimento da visão. As regras são iguais às do judô olímpico, com diferença apenas no início da luta. O primeiro ouro do Brasil veio em Atlanta-1996, com Antônio Tenório (foto), que repetiria o feito nas três edições seguintes. Em Londres-2012, o melhor resultado foi a prata de Lucia Araújo, com Michele Ferreira, Daniele Bernardes e Tenório ganhando bronze. Destes, apenas Daniele não está entre os 12 atletas que competirão na Arena Carioca 3, no Parque Olímpico.



Tiro com arco

O tiro com arco é disputado desde a primeira edição dos Jogos Paralímpicos, em Roma-1960, mas o Brasil fará sua estreia apenas na Rio-2016. Embora seja a primeira participação paralímpica, o país já conquistou dois ouros e duas pratas nos Jogos Mundiais da Federação Esportiva Internacional de Amputados e em Cadeiras de Rodas (IWAS), em 2009, na Índia. Os destaques entre os sete atletas brasileiros são Luciano Rezende (foto) e Jane

Karla, medalhistas de ouro no Parapan de Toronto-2015, em que Thais Carvalho ganhou prata e Diogo Souza, que também integram a equipe, ficou em 4º lugar. No Rio serão nove provas – masculinas, femininas e mistas – disputadas individualmente ou por equipe em distâncias de 50 ou 70 metros, no Sambódromo.



Natação

A natação é o segundo esporte que mais deu vitórias ao Brasil na história dos Jogos, atrás apenas do atletismo. Desde 1984, quando Maria Jussara Matos se tornou a primeira brasileira campeã paralímpica na modalidade, foram 83 medalhas, sendo 28 de ouro, 27 de prata e 28 de bronze. Na Rio-2016, a equipe de 32 atletas conta com seus três principais destaques: Daniel Dias (foto), o maior medalhista brasileiro em Paralimpíadas, com dez ouros, cinco pratas e um bronze; Andre Brasil, dono de sete ouros e três pratas; e o veterano Clodoaldo Silva, que se despede das piscinas após a Rio-2016, com seis ouros, quatro pratas e um bronze. Em Londres-2012, o país obteve sua melhor posição nos Jogos (6º), ganhando nove ouros e batendo cinco recordes mundiais e três paralímpicos. As competições acontecem no Estádio Aquático Olímpico.



Tiro esportivo

O Brasil participa das provas de tiro esportivo desde a sua estreia nos Jogos Paralímpicos, em Toronto-1976. A modalidade é uma adaptação do tiro olímpico, disputada por atletas com deficiência locomotora, que competem sentados ou em pé. No Rio, quatro brasileiros buscarão uma medalha inédita, com destaque para Carlos Garletti (foto), único representante do país em Pequim-2008 e Londres-2012, onde disputou quatro provas. Além dele, a equipe conta com Alexandre Galgani, Debora Campos e Geraldo Von Rosenthal. Ao todo, o programa paralímpico inclui 12 provas individuais – masculinas, femininas e mistas – usando carabina e pistola, de ar comprimido ou calibre 22. A competição acontece no Centro de Tiro, no Parque Olímpico de Deodoro.



Fonte: Comitê Paralímpico Brasileiro

Foto: Agência Brasil/Contrasto



Daniel Dias na final dos 100m livres em Londres: o nadador foi responsável por seis das 21 medalhas de ouro conquistadas há quatro anos que levaram o Brasil à 7ª posição geral, melhor colocação do país na história nos Jogos Paralímpicos

Evolução a cada edição dos Jogos

Sétimo colocado no quadro geral de medalhas em Londres-2012, Brasil já soma 229 pódios desde sua primeira participação numa Paralimpíada, em 1972. Atletismo, natação e judô são os esportes mais vencedores

Jorge Salhani, de 22 anos

O Brasil construiu um legado de potência esportiva nos 44 anos em que participa dos Jogos Paralímpicos. A presença inaugural da delegação brasileira, porém, foi tímida: os 20 atletas retornaram de Heidelberg, na Alemanha, em 1972, sem nenhuma medalha.

O primeiro pódio do esporte paralímpico brasileiro viria já nos Jogos seguintes, em Toronto-1976, com a prata de Robson Sampaio de Almeida e Luiz Carlos Costa no lawn bowls, esporte precursor da bocha, jogado sobre a grama. A conquista da medalha de ouro por brasileiros se tornou realidade nos Jogos de 1984, em Stoke Mandeville (Inglaterra) e Nova York (EUA): seis delas no atletismo e uma na natação. A partir desses Jogos, o hino nacional foi ouvido em todas as edições do evento.

O bom desempenho dos atletas brasileiros colocou o país na 27ª posição no quadro geral de medalhas em Paralimpíadas, com 73 de ouro, 83 de prata e 73 de bronze, totalizando 229 medalhas.

O esporte paralímpico nacional está em ascensão, considerando o desempenho nas últimas edições dos Jogos. Em Pequim-2008, os atletas brasileiros subiram ao topo do pódio 16 vezes, terminando a competição no 9º lugar, com 47 medalhas. Em Londres-2012, as 21 medalhas de ouro conquistadas levaram o país à 7ª posição geral, melhor colocação do Brasil na história nos Jogos, atrás apenas de China, Rússia, Grã-Bretanha, Ucrânia, Austrália e EUA.

Presidente do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), Andrew Parsons está otimista:

— O Brasil é uma potência paralímpica, alcançou grandes resultados e virou uma referência.

O atletismo e a natação, que inauguraram as conquistas de medalhas de ouro do Brasil, continuam sendo as modalidades que mais contribuíram para a escalada do país no quadro geral de medalhas: 60 das 73 medalhas de ouro conquistadas em Jogos Paralímpicos são fruto dessas modalidades.

“O BRASIL É UMA POTÊNCIA PARALÍMPICA, ALCANÇOU GRANDES RESULTADOS E VIROU REFERÊNCIA”

Andrew Parsons, presidente do CPB

Outro esporte com bons resultados para os brasileiros é o judô. Apesar de não ter conquistado medalhas de ouro em Londres-2012, o judô soma 18 pódios no total. Os quatro ouros do país no esporte são do tetracampeão paralímpico Antônio Tenório, que ganhou sua primeira medalha em Atlanta-1996, na categoria até 86kg.

Nos últimos Jogos Paralímpicos, o Brasil competiu em 18 modalidades e ganhou medalhas de ouro em cinco delas: atletismo, bocha, esgrima, futebol de cinco e natação. No atletismo, vieram sete. Alan Fonteles, nos 200m rasos, categoria T44 (amputados), venceu o sul-africano Oscar Pistorius, favorito na prova, que terminou com a prata. A recordista mundial

Terezinha Guilhermina trouxe dois ouros ao Brasil, nos 100m e 200m livres, categoria T11 (deficiência visual), que se somaram a suas outras quatro medalhas paralímpicas, conquistadas em Pequim-2008 e Atenas-2004. Os demais ouros do atletismo foram com Felipe Gomes, Yohansson Nascimento, Shirlene Coelho e Tito Sena, campeão da maratona na categoria T46 (amputados).

As conquistas de ouro na natação concentraram-se em dois atletas: Daniel Dias e André Brasil. Dias participou de seis provas individuais (nas classes S5 e SB4, limitações físico-motoras) e saiu de todas com o ouro no peito — mesma quantidade de ouros conquistada por Clodoaldo Silva em Atenas-2004. O número de vitórias de Dias foi ainda superior à sua marca em Pequim-2008, quando o atleta ganhou quatro medalhas de ouro (e outras quatro de prata e uma de bronze). Com participação em duas edições dos Jogos, Dias se tornou o maior medalhista paralímpico do país.

André Brasil coleciona sete medalhas de ouro, sendo quatro em Pequim-2008 e três em Londres-2012, nos 50m e 100m livres e 100m borboleta, na classe S10 (limitações físico-motoras). O nadador ainda possui três medalhas de prata.

Na bocha, classe BC4 (deficiências severas, sem assistências), Dirceu Pinto ganhou uma medalha de ouro na competição individual e outra nas duplas, com Eliseu Santos, repetindo o feito de Pequim-2008. Maciel Souza Santos ficou com o ouro na classe BC2 (paralisia cerebral, sem assistências).

No futebol de 5, a seleção brasileira se consagrou como favorita: assegurando o tricampeonato, o Brasil continua sendo o único país com medalhas de ouro no esporte, que estreou oficialmente nos Jogos em Atenas-2004.

Jovane Silva Guissone fecha o time dos medalhistas de ouro do Brasil em Londres-2012. Vencedor na modalidade espada, o atleta foi o primeiro campeão da esgrima em cadeira de rodas do país.

Meta é ficar entre os cinco melhores

Maior de sua história, delegação brasileira conta com 279 atletas. Pela primeira vez, país disputará as 23 modalidades

O Brasil participa dos Jogos Paralímpicos deste ano com 279 atletas, sua maior delegação até hoje. São quase cem a mais do que em Londres-2012, quando 182 foram convocados.

Pela primeira vez, os brasileiros competirão em todas as 23 modalidades que compõem o programa da Paralimpíada, inclusive nas estreantes: canoagem e triatlo. Ao todo, atletas de mais de 160 delegações disputarão 528 provas ao longo de 11 dias de competição.

De acordo com o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), a meta é que a delegação brasileira termine os Jogos Paralímpicos no top cinco do quadro de medalhas, melhorando a posição de Londres-2012. Andrew Parsons, presidente da organização, diz que essa meta “é bastante ousada”, mas é possível, tendo em vista os resultados dos últimos Jogos.

— Trabalhamos firmes com este objetivo no nosso horizonte — afirma Parsons.

É esperado que os Jogos tragam mudanças positivas na inclusão de pessoas com deficiência e no investimento ao esporte paralímpico no Brasil. Segundo Parsons, o país apresenta uma situação confortável em relação aos investimentos nesses esportes. Como suporte, atletas de diversas modalidades contam com uma equipe multidisciplinar de orientação, desenvolvimento e avaliação esportiva. (JS)

Um campeão e coadjuvante de luxo

Medalhista sul-americano, Adauto Galdino enfrenta desafio de competir como atleta-guia para Lucas Prado. Parceria inclui treino conjunto, manutenção de estratégias competitivas e apoio emocional

“Eu?”, olhou desconfiado Adauto Galdino Ricardo, de 28 anos. “É que ninguém nunca fala comigo, moça!”, se explica, sorrindo.

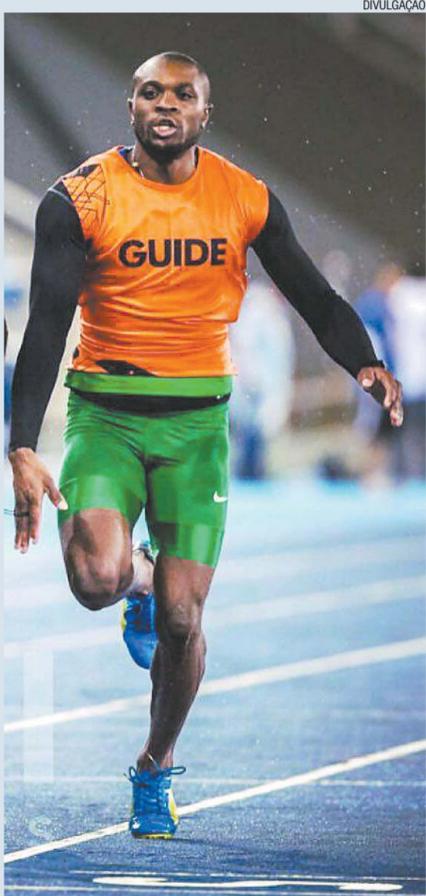
Adauto saiu aos 12 anos de casa em Nanuque, interior de Minas Gerais, para tentar a vida como jogador de futebol, mas não foi bem-sucedido.

Desempregado, aos 19 anos começou a praticar corrida como um hobby, “só para não ficar parado em casa”. Aumentou o ritmo aos poucos, até que chegou ao nível de um atleta olímpico: foi campeão sul-americano e do Troféu Brasil de Atletismo. Mas ainda buscava satisfação pessoal.

Em dezembro do ano passado, foi convidado para correr ao lado de um maratonista deficiente visual durante um evento beneficente. Acompanhou em seguida outros maratonistas até virar atleta-guia do brasileiro Lucas Prado, um dos corredores paralímpicos mais rápidos do mundo.

— Não é fácil ser guia. Você tem sempre que acompanhar o ritmo do outro — conta.

De acordo com as regras do esporte, o atleta-guia tem que ser os olhos do velocista na com-



Galdino começou a atuar como guia em dezembro: “Você tem sempre que acompanhar o ritmo do outro”

petição, mas sem puxá-lo, sob pena de desclassificação. Ou seja, deve apenas conduzi-lo por meio de uma corda que une os braços de ambos.

Além disso, o guia deve ser atleta, treinar duas vezes ao dia por cerca de seis horas (sozinho e com o atleta paralímpico) e também ajudar seu companheiro a manter estratégias competitivas e a controlar a pressão psicológica.

Segundo o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), os atletas-guia da Seleção Brasileira recebem apoio financeiro de acordo com sua experiência na modalidade — que é medida pela performance e pelo histórico de medalhas conquistadas.

A profissão começou a ser mais reconhecida em 2011 nos Jogos Parapan-Americanos de Guadalajara, quando os atletas-guia também passaram a ganhar medalhas. Adauto garante que vale a pena.

— Para mim, é um trabalho como qualquer outro. Tenho infraestrutura de treino, e recebo auxílio médico e psicológico — diz.

A diferença? A tal da satisfação pessoal. O “menino dos olhos” de Lucas Prado vai muito além de ser apenas um guia: é a extensão das pernas, das asas e também do coração, a cada vitória em que ambos se ajudam a viver um sonho.

Fernanda Lagoeiro, de 22 anos

‘Não são coitados, nem super-heróis’

Diretor do longa ‘Paratodos’, Marcelo Mesquita acompanhou um grupo de atletas durante os quatro anos de preparação para a Rio-2016

Foram 750 horas gravadas, transformadas em 110 minutos de filme. O resultado é uma experiência na arte de repensar o outro e a si mesmo. Do riso ao choro, quem assiste a “Paratodos” muda sua percepção sobre a pessoa com deficiência. Dividido em quatro núcleos (atletismo, natação, canoagem e futebol), o longa é um mergulho no universo dos atletas paralímpicos. Ou melhor, dos atletas, apenas. Era compromisso mostrar que são como quaisquer outros.

— Não são coitados, nem super-heróis. São seres humanos. Riem e choram, acertam e erram como nós. Fomos em busca dessa abordagem — enfatiza Marcelo Mesquita, diretor do filme.

Sem um narrador, as histórias ficam na boca dos atletas e das pessoas ao redor deles — o que confere à produção interessante polifonia. Quanto à linguagem cinematográfica, muito movimento, planos-sequências e a constante aproximação da lente, explorando o limite entre o real e o fictício.

— Vimos de perto uma queda da Teresinha Guilhermina, do atletismo. Estivemos dentro do vestiário dos atletas do futebol de 5, antes do tetracampeonato mundial. O espectador talvez pergunte: eles realmente estavam ali? E estávamos! — explica Marcelo.

Em alguma medida, “Paratodos” é esperança de uma narrativa humana e equilibrada sobre pessoas com deficiência. De uma linguagem que escapa do “coitadismo” e evita heroificar. Para a cidadania, um serviço, de uma sobriedade desconcertante.

Leonardo Levatti, de 22 anos

Senna e Bolt inspiram Fonteles

Recordista mundial dos 100m e 200m na categoria T43, para biamputados, corredor paraense ficou famoso ao derrotar Oscar Pistorius em Londres-2012. Ele tem como meta vencer as quatro provas que disputará no Engenhão

Gustavo Altman, de 18 anos

O paraense Alan Fonteles, um dos mais conhecidos atletas paralímpicos brasileiros, até muito recentemente não tinha o costume de ler. Aos 24 anos, começou a se interessar pelos prazeres de um bom livro. Nos últimos dias, diz estar devorando a biografia de Ayrton Senna, do jornalista inglês Christopher Hilton.

— A história dele é espetacular. Me inspiro muito nele. Ler esse livro me motiva a buscar sempre algo maior — conta Fonteles.

O atleta, natural de Marabá, no Pará, vê em Senna a trajetória de um homem que sempre buscou a excelência, apesar da adversidade, e cuja morte trágica iluminou um personagem ainda mais interessante, alguém que ajudava instituições de caridade no anonimato. Essa mistura de empenho com convicções é que inspira Fonteles.

Em 2012, o brasileiro conquistou rápida notoriedade ao vencer o sul-africano Oscar Pistorius, famoso por ter competido tanto na Paralimpíada quanto na Olimpíada com suas próteses (e que depois ganhou as manchetes do mundo todo ao ser preso, acusado de ter assassinado a namorada).

“QUANDO A PARALIMPÍADA ACABAR, ESPERO QUE TODOS SAIBAM QUEM EU SOU”

Alan Fonteles

— Foi o meu ponto máximo no esporte, mas eu gosto de destacar outras conquistas. Dois dias depois do Mundial de Lyon, em 2013, quebrei o recorde mundial dos 100m em uma competição sem muito destaque — ressalta Fonteles, como quem quer dizer ao mundo que sua histórica ultrapassagem nos metros finais em Londres foi um marco decisivo, sim, mas apenas mais uma vitória, como tantas outras colecionadas no esporte.

São vitórias que impressionam. Fonteles é recordista mundial dos 100m e dos 200m na categoria T43, para biamputados. Dentre todos os atletas paralímpicos, sejam deficientes visuais ou físicos, ele é o segundo mais rápido da história. Seria o Usain Bolt da Paralimpíada?

— Não sei se posso pensar assim, mas caminho em busca disso — garante.

Acompanhar seus treinos, no Centro Paralímpico Brasileiro, em São Paulo, ou no Centro de Treinamento da BM&F Bovespa, em São Caetano, ajuda a compreender a rotina de um esportista de alto rendimento. Depois de trocar a prótese de madeira, com a qual

passa a maior parte do tempo, pelo equipamento de fibra de carbono, ele deixa de ser o menino pacato, que gosta de ficar em casa com a mulher Lorrany e que adora cinema, para se transformar num motivado superatleta.

Ao disputar uma corrida contra colegas da delegação brasileira — de distintas categorias, como é praxe na preparação para os Jogos —, queima a largada e brinca: “vocês me deixaram nervoso, pô!”, como se fosse um iniciante. Retorna, calmamente, para outro tiro rápido. Momento raro, fica em último lugar. O castigo, uma espécie de incentivo para a melhoria de rendimento, é duro: 50 abdominais, como determina o treinador Amauri Verissimo, responsável pela maioria dos 61 atletas que representarão o Brasil nas provas no Engenhão.

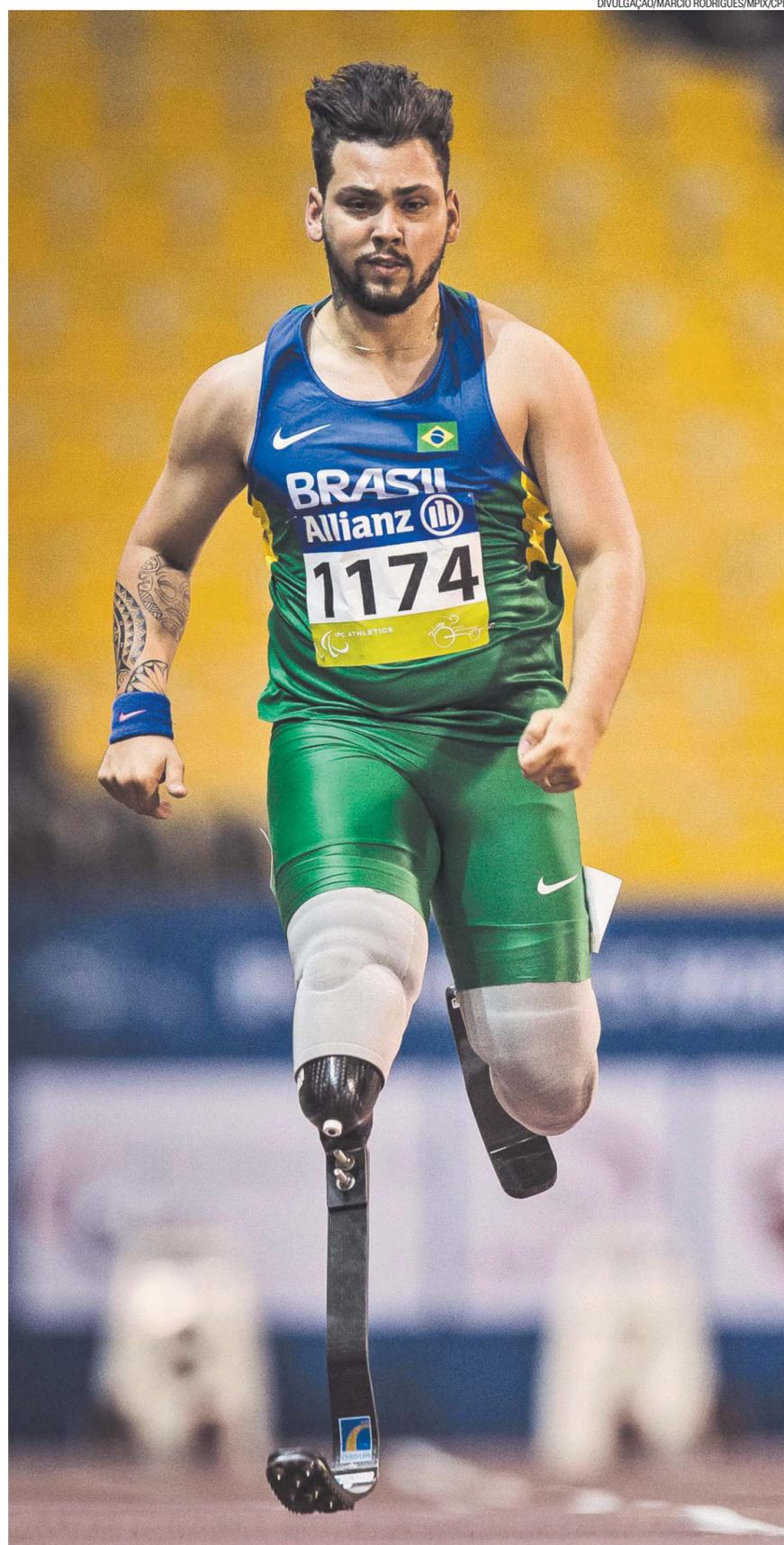
Desde os 21 dias de idade sem a parte inferior das duas pernas, em decorrência de um quadro de infecção generalizada, Fonteles gosta de reafirmar que a falta delas é o menor de seus problemas. Hoje, seu principal adversário tampouco é algum colega de pista. Em 2014, o paraense afirmou que tinha perdido a alegria de correr e decidiu tirar um ano sabático, longe da rotina de treinamentos e competições. Dois anos depois, essa decisão ainda pesa: Fonteles segue no encaixo de sua forma ideal.

Na Paralimpíada deste ano, Fonteles competirá em quatro modalidades do atletismo: nos 100m, 200m e 400m, além do revezamento 4x100m. Sua especialidade, admite, são os 200m. Foi justamente nessa prova que o paraense conquistou sua única medalha de ouro em Paralimpíada, em 2012. Dessa vez, o objetivo é maior:

— Meu foco é ganhar todas as provas. Quando a Paralimpíada acabar, espero que todos saibam quem eu sou — afirma.

A fama, que já o cerca e inevitavelmente crescerá no Rio, o faz se interessar ainda mais pela trajetória de persistência de Senna, o ídolo que agora ele descobre no papel. Cada um a seu modo, Senna e Fonteles podem ser equiparados num aspecto: a dedicação para superar obstáculos. Não por acaso, o rigor e o empenho de Senna fazem parte de um vídeo motivacional do Comitê Paralímpico Brasileiro de apoio aos Jogos no Rio — “para não fazer feio em casa”, como disse o tricampeão mundial de Fórmula-1, há muitos anos, antes de uma decisiva corrida no Brasil.

Fonteles em ação: no Mundial de Atletismo de Doha, Qatar, em 2015



O nadador Clodoaldo Silva participará de quatro provas: 50m e 100m livre, 50m borboleta e revezamento 4x100m

‘Tubarão’ quer morder na despedida

Dono de 13 medalhas ao longo de 18 anos de carreira, Clodoaldo Silva vai disputar quatro provas nos Jogos deste ano. Sem subir ao pódio em Londres, ele busca a consagração final no Brasil

Após 18 anos de carreira e 13 medalhas conquistadas em quatro Paralimpíadas, o veterano Clodoaldo Silva está próximo de suas últimas braçadas em competições oficiais. Apelidado de “Tubarão”, o nadador de 37 anos se aposenta ao fim da Rio-2016.

Natural de Natal (RN), Clodoaldo nasceu com paralisia cerebral, o que compromete a mobilidade de suas pernas. Em 1996, aos 16 anos, o potiguar encontrou no esporte uma forma de reabilitação e começou a praticar natação.

Apenas dois anos depois, competiu em seu primeiro Campeonato Brasileiro e, no ano seguinte, passou a fazer parte da seleção nacional. Em 2000, Clodoaldo foi ainda mais longe e ganhou três pratas e um bronze em sua primeira Paralimpíada, em Sydney.

No entanto, a consagração ainda estava por vir. Em Atenas-2004, Clodoaldo arrebatou seis ouros e uma

prata, com direito a quatro recordes mundiais, ajudando a tornar o esporte paralímpico mais conhecido no Brasil. De quebra, adquiriu a alcunha de “Tubarão Paralímpico”.

Diante de seu alto desempenho, Clodoaldo Silva acabou sendo reavaliado pelo Comitê Paralímpico Internacional (IPC) em 2008 e trocou sua antiga classe, a S4, para atletas com problemas de coordenação motora nos quatro membros, pela S5, para nadadores com problemas de coordenação apenas no tronco e nas pernas. A mudança impediu que os notáveis resultados de Atenas-2004 se repetissem, mas, ainda assim, o nadador foi ao pódio duas vezes em Pequim-2008, com uma prata e um bronze.

No Rio, o “Tubarão” irá disputar quatro provas: 50m e 100m livre, 50m borboleta e revezamento 4x100m. Sem conquistar nenhuma medalha em Londres-2012, Clodoaldo Silva espera agora conseguir retornar ao pódio para encerrar sua carreira com chave (e, talvez, medalha) de ouro.

Hugo L'Abbate, de 22 anos

No futebol de 5, torcer em silêncio é obrigatório

A participação brasileira nos estádios foi motivo de polêmica durante a Olimpíada. As vaias dirigidas a atletas que disputavam medalhas com brasileiros não foram bem recebidas, especialmente em competições que demandam muita concentração. Aprove-se ou não o comportamento do público local, em duas modalidades dos Jogos Paralímpicos é condição primária que os espectadores estejam em absoluto silêncio.

O futebol de 5 e o goalball são disputados por atletas cegos. Para tanto, há um sino no interior da bola utilizada em cada uma das modalidades, para que os jogadores saibam onde ela está e em que direção se movimenta. Caso o público desrespeite a “lei do silêncio” enquanto a bola está em jogo, perde-se essa referência sonora fundamental. É nesse momento que os árbitros precisam intervir.

— Mesmo que o público esteja em silêncio, a gente consegue sentir a energia das pessoas — diz Simone Rocha, de 40 anos, atleta da seleção brasileira feminina de goalball. — É importante que, nos momentos de bola parada, o público manifeste todo o seu apoio, para que a gente faça valer o fato de estar jogando em casa.

A profissional de marketing Nathalia Senna, de 33 anos, comprou ingressos para ela e o marido assistirem aos jogos do Brasil na modalidade, e também para o futebol de 5. E faz planos: — Vai ser difícil segurar os gritos de angústia nos “quase gols”. Mas vou tentar me comportar e guardar a emoção para os momentos permitidos.

João Pedro Soares, de 22 anos

Modalidades em classes permitem disputas mais justas

Limitações dos atletas são avaliadas e classificadas constantemente por especialistas. Resultados dos testes podem determinar mudanças na carreira

Nos Jogos Paralímpicos, as classes são divisões necessárias para que atletas com diferentes limitações de distintas intensidades não sejam prejudicados ou favorecidos. Dessa maneira, é possível organizar competições mais justas e equilibradas.

Os competidores são separados em suas respectivas categorias após passarem por um júri formado por dois ou três classificadores do Comitê Paralímpico Internacional (IPC), que, através de exames médicos e de rendimento físico, determina em qual classe as limitações do atleta se encaixam melhor.

Entretanto, devido às possíveis mudanças gradativas dessas limitações e seus impactos no rendimento dos esportistas, alguns são reavaliados e reclassificados múltiplas vezes ao longo de suas carreiras. Além disso, há circunstâncias nas quais uma categoria pode se juntar a outra. Dependendo do panorama de certas classes, existe ainda a possibilidade do cancelamento de provas.

— Dois anos antes dos Jogos, o IPC decide quais modalidades terão quais provas em quais classes. No entanto, classes com poucos atletas de alto nível acabam não sendo realizadas — explica Frank-Thomas Hartleb, Diretor Esportivo da Federação Paralímpica Alemã (DBS).

É o caso do arremesso de dardo da classe F53, para atletas com movimentos limitados dos membros superiores, prova cujo recordista mundial é o jamaicano Alphonso Cunningham. Na Rio-2016, a F53 se fundiu à F54, composta por esportistas sem restrições nos movimentos dos membros superiores, e cujo atual recorde mundial supera em mais de cinco metros a marca de Cunningham. Sem chances reais de pódio após a junção, o jamaicano migrou para provas de pista, onde ainda há competições só da classe F53 e, consequentemente, possibilidade de medalha.

Hugo L'Abbate



Mais jovem atleta da canoagem na Paralimpíada, Debora Benevides vai competir no caiaque. Aos 20 anos, ela é medalha de prata no Mundial da categoria, disputado este ano

Depois dos pódios inéditos de Isaquias Queiroz e Erlon de Souza na Olimpíada do Rio, a canoagem estreia em Paralimpíadas, nos dias 14 e 15 deste mês, na mesma Lagoa Rodrigo de Freitas onde se deram as conquistas da dupla. Outra modalidade a debutar nos Jogos é o triatlo, que, no próximo fim de semana, dias 10 e 11, reunirá etapas de natação, corrida e ciclismo em Copacabana.

A canoagem paralímpica tem três categorias de provas, estabelecidas de acordo com o grau de mobilidade e a extensão da deficiência dos competidores: a KL1, para atletas com mobilidade nos braços e pernas e funções do tronco limitadas; a KL2, destinada àqueles com limitações nas pernas; e a KL3, em que os atletas possuem deficiência de mobilidade, mas contam com funções motoras nos braços, pernas e também no tronco. Na Rio-2106, as provas – com percurso de 200 metros — serão apenas no caiaque. A canoa Va'a (também chamada de Havaiana ou Polinésia) ficou de fora, embora esteja presente no Mundial da modalidade, que acontece anualmente.

Os campeões mundiais Luís Carlos Cardoso, da ca-

Canoagem e triatlo estreiam na Rio-2016

Na Lagoa, canoístas vão percorrer distâncias de 200 metros. Em Copacabana, os triatletas precisarão nadar 750 metros, pedalar 20km e correr 5km

Letícia Paiva, de 20 anos

tegoria KL1, e Caio Ribeiro, da KL3, dedicavam-se à canoa, mas mudaram para o caiaque após o anúncio de que apenas ele integraria os Jogos.

— Considero que sou faixa branca no caiaque, nunca tinha pegado essa embarcação. Mas meu

objetivo é o lugar mais alto do pódio, o que pode acontecer já no Rio ou em uma competição futura — afirma Caio.

Melhor do mundo em 2015, Caio conta que sempre se dedicou aos esportes, mesmo antes do aci-

dente que ocasionou a amputação de uma perna, quando era jogador de futebol nos Estados Unidos.

Igor Tofallini completa o time masculino, na categoria KL2, substituindo o multicampeão Fernando Rufino, afastado por problemas cardíacos. No feminino, o Brasil contará com duas atletas: Debora Benevides, na KL2, e Mari Santilli, na KL3.

— Embora os ventos contra sejam prejudiciais para todas as equipes, nós conhecemos o Rio de Janeiro. Isso pode fazer a diferença em nosso desempenho — explica Mari, ouro no Pan-Americano da modalidade em 2015.

Com apenas 20 anos, Debora Benevides é a mais jovem da modalidade na Paralimpíada, e também migrou da canoa para o caiaque para estar na Rio-2016.

— A canoagem me faz flutuar, faz com que eu me sinta livre e me torne igual a todo mundo — diz a atleta, medalha de prata no Mundial deste ano, realizado em Duisburg, na Alemanha.

“A META NÃO É MEDALHA. EU QUERO TRAZER VISIBILIDADE PARA O ESPORTE”

Ana Raquel Lins, triatleta

A segunda estreia na Paralimpíada é a do triatlo, escolhido para integrar a competição pelo Comitê Executivo do IPC (Comitê Paralímpico Internacional) em 2010, juntamente com a canoagem. A prova consiste em um percurso de 750 metros de natação, 20km de bicicleta e 5km de corrida.

São seis categorias, de acordo com as classificações funcionais dos atletas. A TR1 compreende paraplégicos, tetraplégicos e biamputados, que usam bicicleta de mão para competir; na TR2 estão atletas amputados acima do joelho, que usam próteses para pedalar e correr; a TR3 abarca atletas com esclerose múltipla, distrofia muscular, paralisia cerebral, biamputados e paralisados de mais de um membro; na TR4 competem atletas com paralisia nos braços ou que têm o membro amputado; a TR5 destina-se a atletas com comprometimento moderado na perna, usando próteses; e a TR6 é para atletas com baixa visão ou cegos, competindo na companhia de um atleta guia e vendas.

O Brasil tem duas vagas na modalidade. No masculino, Fernando Aranha, precursor da bicicleta de mão no Brasil e que já representou o país na Paralimpíada de Inverno em Sochi-2014, onde disputou o esqui cross-country. No feminino, o país terá a estreante Ana Raquel Lins, que começou no triatlo há cerca de um ano.

— A meta, por enquanto, não é medalha. Mas quero trazer visibilidade para o esporte, como a primeira brasileira a competir na modalidade — afirma Ana Raquel, que projeta terminar entre a quinta e a oitava colocação.

Estrelas internacionais em que vale a pena ficar de olho durante a Rio-2016

Uma ex-jogadora de basquete na canoagem, uma medalhista que se despede, um chinês craque das piscinas e uma corredora italiana recordista mundial

Entre os 4.350 atletas de 176 países que vão disputar os Jogos Paralímpicos no Rio misturam-se estreantes e nomes consagrados nas 23 modalidades, que competirão em diferentes locais espalhados pela cidade. Serão 528 provas, divididas entre 225 femininas, 265 masculinas e 38 mistas. Algumas histórias e personalidades merecem destaque (veja perfis ao lado).

E, assim como na Olimpíada, haverá a presença de refugiados. Serão dois: o sírio Ibrahim Al-Husseini, que perdeu a parte inferior da perna direita ao ser atingido por uma bomba em 2013, e o iraniano Shahrud Nasajpour, que sofre de paralisia cerebral.

Natália Belizario, de 20 anos



ARQUIVO PESSOAL

Edina Müller

Até 2014, a alemã Edina Müller era atleta do basquete em cadeira de rodas. Foi três vezes campeã no Campeonato Europeu e medalhista de ouro com a seleção de seu país em Londres-2012. No Rio, ela vai competir na canoagem, modalidade na qual é estreante nos Jogos.



ARQUIVO PESSOAL

Marieke Vervoort

A belga Marieke Vervoort ganhou destaque recentemente por tocar num assunto tabu em diversas sociedades: a eutanásia. A atleta, de 37 anos, anunciou que pensa em pedir a eutanásia após o fim dos Jogos, lembrando que muitos veem suas medalhas, mas poucos sabem do sofrimento causado por sua doença crônica degenerativa. Medalhista em Londres e no Mundial Paralímpico em Doha na corrida em cadeira de rodas, Marieke enxerga na Rio-2016 a oportunidade de encerrar bem a sua carreira.



DIVULGAÇÃO/COMITÊ PARALÍMPICO INTERNACIONAL

Qing Xu

Ganhador de quatro das 95 medalhas de ouro da China nos Jogos de Londres-2012, Qing Xu é destaque do estilo livre na natação. O atleta teve bons resultados no campeonato mundial de Glasgow, no ano passado, e está na lista de destaques do Comitê Paralímpico Internacional. No Rio, Qing Xu será um forte adversário dos brasileiros no estilo livre e no nado borboleta.



ARQUIVO PESSOAL

Martina Caironi

Ouro nos 100m em Londres-2012 na categoria T42 (amputação de uma perna acima do joelho ou algum comprometimento físico similar), a italiana Martina será a porta-bandeira do país nos Jogos. A velocista é dona dos records mundiais nas provas de 100m e 200m, sendo uma forte candidata ao pódio nesta edição do evento.

Idade avançada, atletas de alto rendimento

Iniciação tardia e modalidades com menor exigência energética permitem que competidores veteranos participem da Paralimpíada em alto nível

A amazona Vera Lúcia Mazzilli, integrante mais velha da delegação brasileira, tem a primeira chance de brilhar nos Jogos Paralímpicos, aos 65 anos. Alguns fatores explicam por que para-atletas se mantêm em disputas de alto rendimento mesmo em idade avançada, enquanto muitos esportistas convencionais deixam as competições mais cedo.

O professor de Educação Física Eduardo Carmona, que se especializou em esportes adaptados e paralímpicos, aponta a demora no acesso ao esporte como um dos motivos.

— A maior parte deles passa a ter contato com o esporte por meio de associações, e isso geralmente acontece na fase adolescente ou na adulta — explica.

Além disso, poucas cidades trabalham com os esportes adaptados. O alto rendimento ainda é exclusividade de alguns locais e, assim, o número de praticantes é menor em relação às modalidades convencionais. Questões fisiológicas também influenciam.



DIVULGAÇÃO/CPB

Vera Lúcia Mazzilli estreia nos Jogos Paralímpicos aos 65 anos

— A permanência é mais difícil em modalidades que exigem muita movimentação e dinamismo. Por isso a presença de pessoas mais velhas é constatada em esportes com menor exigência energética, como, por exemplo, provas de tiro — explica o especialista.

Contudo, existem casos de atletas que ainda disputam provas eletrizantes. O ciclista alemão Hans-Peter Durst, de 58 anos, é favorito nas provas de estrada e corrida contra o relógio. Medalhista de prata em Londres-2012, ele afirma que força e condicionamento físico são fundamentais, mas o bem-estar psicológico também contribui para o desempenho.

— A tecnologia é minha aliada. Permite que eu trabalhe em diferentes níveis orientados de rendimento.

Para os que não precisam necessariamente da resistência física, outro elemento é essencial.

— O que eu mais preciso ter no hipismo é concentração. São dois corações. O meu e o do cavalo — diz Vera Lúcia Mazzilli.

Thais Contarin, de 22 anos

Projetos sociais como legado

Parceria Brasil-Alemanha, projeto Pulsar capacita profissionais para trabalhar com atletas paralímpicos. Em Santa Catarina, ação visa à inclusão social e reabilitação

Aos poucos, o esporte paralímpico ganha visibilidade e investimento privado e governamental. E uma das maiores preocupações dos Jogos Rio-2016 é o legado para o país. Assim, diversos projetos surgem com esse intuito, enquanto outros se fortalecem em todo o Brasil.

Para comemorar seus 100 anos de fundação e os Jogos Rio-2016, a Câmara de Comércio e Indústria Brasil-Alemanha (AHK-RJ) criou o Projeto Pulsar, de capacitação para profissionais. Feito em conjunto com a Universidade Alemã de Educação Física de Colônia, a Firjan e o Instituto Supera, a proposta do Pulsar é proporcionar a possibilidade de lidar com atletas com qualquer tipo de deficiência.

Por seis meses, 50 profissionais de diferentes áreas participam de aulas de história, sociologia e comunicação, entre outras, e oficinas de basquete em cadeira de rodas,

vôlei sentado e futebol de 5. A ideia é expandir para outros estados.

Em Florianópolis, um dos projetos é o Sábado no Campus, criado em 1997 na UFSC. A proposta é aproximar a comunidade, dando acesso aos esportes adaptados como fonte de reabilitação ou lazer. E, para os acadêmicos, vivenciar as teorias ensinadas em sala de aula.

O Sábado no Campus oferece goalball, bocha adaptada e vôlei sentado, entre outros esportes. Para divulgar o projeto, as equipes responsáveis pelas modalidades fazem demonstrações em escolas da Grande Florianópolis.

— Nosso grupo mais novo tem entre 14 e 17 anos. Mas temos os que começaram no esporte depois dos 30, 40 anos. É só vir. Nós sabemos o bem que isso faz no dia a dia das pessoas — diz o professor Roger Scherer, treinador do goalball.

O Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) criou em 2009 o Clube Escolar, que forma categorias de base nacionais, pela promoção da prática esportiva para crianças e jovens com deficiência. Em 2013, 20 associações receberam R\$ 60 mil para financiar o custo de profissionais, materiais e outros itens. Em 2014, o projeto passou a ser coordenado pelo Ministério do Esporte.

Guilherme Longo, de 23 anos